

Literatura surda: retrospectiva e contribuições para o desenvolvimento da língua de sinais

José Carlos de Oliveira¹

Resumo

O presente trabalho visa apresentar uma retrospectiva da literatura surda abordando o que dizem os principais autores ao longo da história, com enfoques teóricos e práticos, bem como analisar alguns elementos e recursos linguísticos utilizados pelos surdos na produção de suas obras literárias que contribuem para a afirmação do folclore surdo, auxiliando no desenvolvimento da língua de sinais e reforçando a identidade cultural do surdo. O presente trabalho foi desenvolvido a partir da poesia “Natureza”, do ator surdo brasileiro Nelson Pimenta (1999).

Palavras-chave: *Literatura surda. Língua de sinais. Cultura e identidade surda*

¹ Professor de Libras (L1 e L2) e Língua Portuguesa (L2). Professor assistente na Universidade Federal de Uberlândia - UFU (Instituto de letras e Linguística - ILEEL).

Introdução

A literatura surda é entendida como toda literatura desenvolvida por e para surdos, tendo como objetivo registrar e difundir a cultura e a língua da comunidade surda. No caso da língua, não apenas registrar e divulgar, mas desdobrar as múltiplas possibilidades de produção, como será descrito mais adiante neste trabalho.

As obras de literatura surda retratam as histórias próprias, criadas por surdos, adaptações e traduções dos clássicos da literatura universal contadas em língua de sinais, envolvendo os diversos gêneros literários, cuja produção visa o entretenimento, fazer sentido de mundo e criar verdades, educar, aculturar, ampliar e desenvolver a língua – ampliando seus limites – oportunizar aos autores a mostra de habilidades linguísticas e manter a identidade do grupo.

Destaca-se, aqui, a utilização da literatura como um importante instrumento de alfabetização e letramento dos surdos, pois ali o sujeito surdo poderá se reconhecer, o que o estimulará a desenvolver a leitura e a produção em língua de sinais, contribuindo para a afirmação da identidade cultural desses indivíduos.

Dessa forma, o presente trabalho visa apresentar uma retrospectiva da literatura surda, abordando o que defendem os principais autores, ao longo da história, com enfoques teóricos e práticos e analisar alguns elementos e recursos linguísticos utilizados pelos surdos, na produção de suas obras literárias, e que podem contribuir com a afirmação do folclore surdo, com o desenvolvimento da língua de sinais, reforçando a identidade cultural do surdo a partir da poesia “Natureza”, do ator surdo brasileiro Nelson Pimenta (1999).

As origens

Como a língua de sinais é uma língua gesto-visual e, de início, não possuía um sistema gráfico como também, até meados do século XX, faltavam recursos tecnológicos, não existe registro exato sobre produção literária dos povos surdos, da mesma forma que ocorreu com as tradições das línguas orais-auditivas, porém a contação de histórias, piadas e outras manifestações culturais dos surdos foram presentes desde o início das primeiras

comunidades de surdos. Embora seja uma manifestação à parte, principalmente após a implementação do oralismo, no sistema educacional dos surdos, determinada pelo Congresso de Milão em 1880, os surdos ficaram impossibilitados de se manifestarem, culturalmente, em seu espaço mais frequentado – a escola – e, por consequência, sem a possibilidade de reproduzir e registrar sua língua e identidade.

Assim, por inúmeros motivos, as primeiras obras que registram e resgatam o cotidiano de pessoas surdas foram produzidas por autores ouvintes, focalizando o surdo no campo medicalizado da surdez, sem a presença de elementos que identificam os surdos como sujeito cultural. Segundo análises apresentadas por Silveira (2000), na produção de livros de literatura infantil que tematizam a surdez, verificou-se que os autores retratam o surdo como “deficiente auditivo”, perfeitamente integrado à comunidade ouvinte, sendo usuário de uma língua oral, concluindo que a visão dos surdos e da surdez, em tais obras, compõe-se a partir da representação medicalizada, vista como deficiência e não como sujeito cultural.

Segundo Strobel (2008, p. 69), a comunicação total nas escolas trouxe o reconhecimento e a valorização da língua de sinais, surgindo em muitas escolas os corais de língua de sinais que não condizem com a expressão da arte surda, em que os sujeitos surdos eram colocados como marionetes, imitando os sinais e movimentos com um maestro ouvinte, apenas sinalizando a música da cultura ouvinte, constituindo-se numa simples imitação, sem a possibilidade de expressão diante do público.

Com o advento das investigações, nas áreas da educação e da linguística realizadas por vários linguistas, a partir de 1993, tem-se proporcionado discussões sobre gramática da língua de sinais, sobre cultura e identidade surda que tornaram fecundas as reflexões, revelando uma diversidade de concepções sobre surdo, língua de sinais, ensino, cultura e fazer pedagógico, contribuindo, assim, para o fortalecimento e disseminação da língua de sinais, da cultura e da identidade surda (FERREIRA-BRITO, 1993).

Segundo Alves e Karnopp (2002), os surdos reúnem-se, frequentemente, para contarem histórias e, entre as preferidas, estão as histórias da vida, as piadas e aquelas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos, com tramas que, em geral, envolvem as diferenças entre surdos e ouvintes. Aqui, percebe-se a evolução de língua de

sinais por meio da unidade da comunidade surda que, em seus pontos de encontro, proporcionam momentos de interação e de produção cultural e de identificação.

Em 2002, ano de publicação da Lei nº 10.436, os surdos brasileiros tiveram acesso às histórias fictícias que são contadas ao longo dos anos pela humanidade, em um trabalho de contação de histórias infantis em Libras para crianças surdas, desenvolvido por Karnopp (2006) na cidade de Porto Alegre, no qual a pesquisadora observou que, enquanto se envolviam na literatura, eles inseriam elementos de sua própria história, surgindo assim o trabalho de adaptação dos clássicos da literatura universal (SILVA, 2017).

A partir dessa descoberta, iniciou-se uma fase de produção de histórias elaboradas por surdos e adaptação de clássicos da literatura universal para a cultura surda. Em Karnopp (2006), encontramos uma descrição que ilustra esse fato, que pode ser considerado a marca da transição da teoria medicalizada da surdez para uma teoria cultural expressa na valorização dos elementos culturais surdos, sobretudo a língua de sinais e o jeito de ser surdo.

Um exemplo disso é o livro de literatura infantil “Tibi e Joca – uma história de dois mundos” (BISOL, 2011), que narra a história de um menino surdo em uma família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. O texto explora o visual (o desenho) e, além da história registrada na língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando seqüencialidade à história. Outros exemplos são os livros “Cinderela surda” (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003a), “Rapunzel surda” (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003b), “Adão e Eva” (ROSA; KARNOPP, 2005a) e “Patinho surdo” (ROSA; KARNOPP, 2005b), que registram histórias dos clássicos da literatura, a partir de uma cultura visual, em que ocorre uma aproximação com as histórias de vida e as identidades surdas.

Essas produções, além de desenvolverem a cultura visual possibilitaram o desenvolvimento e a disseminação do sistema *SignWriting*, escrita das línguas de sinais no Brasil. A aproximação dessas histórias às histórias de vida e às identidades surdas fortaleceu o sentimento do “ser surdo”, valorizando-o como ser cultural capaz de superar os desafios propostos pela realidade em que vive, despertando a subjetividade e a capacidade de expressão, no desejo de conquistas pela observação da superação das personagens surdas em cada história adaptada.

A disciplina de literatura surda do curso de licenciatura em Letras - Libras veio consolidar toda essa evolução, pois proporcionou estudos e pesquisas sobre a literatura e as possibilidades de novas formas de produção e intercâmbio cultural dos surdos, estimulando o desenvolvimento de habilidades artísticas e uso de tecnologias avançadas de gravação, que possibilitam o registro das produções visuais, indispensáveis na criação de bibliotecas visuais e podem contribuir para uma escrita posterior, com traduções apropriadas.

A Literatura Surda a partir das análises de Quadros e Sutton-Spence (2006)

Tendo por objetivo a análise de como os temas e a linguagem usada na poesia, em língua de sinais, se constituem para criar e traduzir a cultura e a identidade das pessoas surdas, mesmo em diferentes línguas de sinais, há elementos identitários que identificam os poetas enquanto pessoas surdas e também como membros de suas comunidades (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006, p. 111).

A literatura em línguas de sinais, da mesma forma que nas línguas orais, segue tendência mundial, embora com características peculiares de cada país, sabendo que a produção poética em línguas de sinais foi influenciada pela escola NTD – Teatro Nacional de Surdos dos Estados Unidos. Observa-se a unidade internacional da comunidade surda, assim como os ouvintes se organizam em intercâmbio cultural. O que caracteriza o estilo em uso como uma escola literária.

Segundo Sutton-Spence (2005) e Valli (1993), as produções poéticas em línguas de sinais, assim como a língua, usam uma forma intensificadora de linguagem – sinal-arte – para efeito estético. Assim, conclui-se que as línguas de sinais apresentam as mesmas possibilidades de uso figurado da linguagem, em produções poéticas, o que diferencia do uso da linguagem do cotidiano do mesmo usuário dessa língua.

As produções poéticas em línguas de sinais têm sido analisadas em diversos países das Américas e da Europa por pesquisadores tais como: Valli (1993), Klima & Bellugi (1979), Sutton-Spence (2001a, 2001b, 2005), Russo, Giuranna & Pizzuto (2001), Russo (2005), Crasborn (2005) e Sutton-Spence & Quadros (2006), tendo por meta a análise linguística, sem se preocupar com a forma da linguagem na produção de efeitos poéticos, do impacto da poesia sobre o folclore e o papel da constituição e tradução da identidade do

povo surdo, sendo esses últimos os objetivos dos estudos apresentados por Sutton-Spence & Quadros (2006).

A literatura surda se enquadra ao folclore, por apresentar forma de transmissão via língua de sinais, assim como as línguas orais, narrativas de histórias pessoais, piadas, poesias e os diversos gêneros de produção artística, principalmente, por focalizar o personagem surdo e os elementos característicos da comunidade surda (RUTHERFORD, 1993). Sendo o folclore um conjunto cultural de conhecimentos, nas comunidades de surdos, a transmissão dessa cultura e conhecimento se dá de forma visual/sinalizada, pelo fato de as línguas de sinais não possuírem um sistema escrito padronizado em todos os países, assim, a forma de registro das produções culturais dos surdos é através de gravação em vídeos.

Assim como ocorre com todas as culturas, a cultura surda também é representada no folclore por designação específica como “deaflore” – folclore surdo e “signlore” – folclore em sinais, ambas as denominações criadas por Carmel (1996). Tal processo se dá quando as produções são criadas geralmente por surdos e na língua de sinais, de modo que as produções contribuam para o folclore surdo da comunidade surda, que segundo Bascom (1953, p. 20), associa-se à antropologia cultural, uma vez que a antropologia estuda os costumes, as tradições e as instituições dos povos vivos.

Esse processo de constituição do folclore surdo contribui extraordinariamente para as futuras gerações por se constituir em “raízes surdas” que, segundo Mindess (2000), é o processo por meio do qual uma pessoa descobre e desenvolve uma identidade surda, como um membro de uma comunidade coletiva visual, afirmando as pessoas surdas com o *status* de sujeito cultural.

Outro fator relevante, apontado por Sutton-Spence & Quadros (2006), é o empoderamento por meio das línguas de sinais, que consiste no prazer e no entretenimento proporcionado pelas poesias em sinais e que podem ser vistos como fortalecimento para as comunidades surdas que, por imposição do oralismo, foram obrigadas, por muito tempo, a ser e narrar-se como se fossem ouvintes e que ouvintes e surdos viam a poesia como algo a ser conduzido nas línguas orais. Dessa forma, os primeiros registros de poesias em línguas de sinais surgiram a partir das décadas de 60 e 70, decorrentes de mudanças sociais que incluem o surgimento do “orgulho surdo”, o reconhecimento crescente das línguas de sinais como línguas independentes completas e do trabalho dos poetas pioneiros em

línguas de sinais, entre eles Dorothy Miles, Ella Lentz e Cleyton Valli (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006, p. 116).

Tais mudanças iniciaram-se nos Estados Unidos, espalhando-se para outros países, à medida que os surdos aprendiam a escola poética americana e se aperfeiçoavam em suas línguas de sinais. Por essa razão, observava-se que a poesia em línguas de sinais, em todo o mundo, herdava a influência da poesia americana.

As autoras apontam a maneira com que os poemas retratam a experiência das pessoas surdas como contribuição principal ao empoderamento do povo surdo em oposição à forma ouvintista que dominou a comunidade surda, por vários anos, na tentativa de minimizar a existência de uma cultura surda e das possibilidades dos sujeitos surdos ocuparem seus lugares no espaço:

Diante de tal ameaça à identidade pessoal e cultural dos surdos, os poemas que descrevem e validam a experiência surda são fortemente usados para o empoderamento do povo surdo. Alguns poemas estão explicitamente ligados aos assuntos que são relevantes para as pessoas surdas, sendo relacionados diretamente à experiência surda. Esses incluem, especialmente, os poemas que celebram declaradamente a língua de sinais e o mundo visual, os que celebram realizações surdas, os que exploram explicitamente os relacionamentos entre surdos e ouvintes e os que comentam sobre o lugar das pessoas surdas no mundo (SUTTON-SPENCE; QUADROS, 2006, p. 116).

Assim, nos poemas analisados, as autoras apontam a experiência sensorial de pessoas surdas, o lugar das pessoas surdas no mundo, a sua experiência bilíngue, a repetição, simetria e equilíbrio, neologismo e o morfismo. Esses elementos comprovam a existência da cultura e da identidade do ser surdo, empoderando esse *status* cultural e lingüístico, construindo raízes para que as futuras gerações ampliem esses horizontes.

As poesias de Nelson Pimenta: um espelho da cultura e identidade surda

Em quase todas as poesias produzidas pelo ator surdo brasileiro Nelson Pimenta (1999) encontramos um espelho da cultura e identidade surda em forma de lenda folclórica, pelo fato de, em seu enredo, narrar um fato real. Em cada poesia percebe-se uma história do povo surdo, na qual o poeta se identifica e se faz retratar por meio do poema.

A poesia escolhida para análise neste trabalho foi o poema “Natureza” em que se percebe, do começo ao fim da narrativa, a descrição da trajetória surda desde a fundação da primeira escola de surdos, em Paris, no ano de 1760, passando pela imposição do Congresso de Milão 1880, a imposição do oralismo e a medicalização da surdez, a descoberta da Língua de Sinais como uma língua natural, as políticas de educação e direitos dos surdos que culminaram na promulgação das leis e decretos que garantem a afirmação e o direito do uso da Libras como língua natural dos surdos, despertando a consciência do “ser surdo”.

Observa-se, logo no início da primeira parte, a presença do ser surdo na poesia por meio da realização do sinal “pedra” simulando o corpo como parte elementar da natureza. As três estrofes terminadas com a mesma rima, representadas pela repetição dos sinais OCUPADO, PRESO, PACIÊNCIA e PERSEVERAR (Figura 1).



Figura 1: <OCUPADO; PRESO; PACIÊNCIA; PERSEVERAR>.
Fonte: Pimenta (1999).

Cada estrofe inicia com expressão de entusiasmo, expressa pela unidade da comunidade surda e pela liberdade de expressão, e termina com a expressão de surpresa, de mudanças profundas nas estruturas sociais em que o surdo vive, o que caracteriza o início e o final de uma etapa da trajetória surda na história. Ao final de cada estrofe, a combinação dos sinais, usando a mesma configuração de mão associada às expressões, dá ao expectador um sentido de expectativa ao que pode acontecer no passo seguinte.

No início da segunda parte do poema, o que se observa é a tomada de consciência surda e a luta pelo direito à língua, o direito de “ser surdo”, a transitar livremente pela sociedade, onde se encontra claramente a expressão bilíngue do surdo ao perceber a língua de sinais como sendo uma língua natural, usando a soletração manual “natural”. O poema expressa essa realidade, pelo fato de a narrativa apresentar uma oposição ao estado de liberdade, o que é observado na primeira parte do poema, em que nas três estrofes é

apresentada uma transgressão ao surdo, seja na forma de expressão como no psicológico, percebido por meio das expressões faciais e corporais, ao deparar-se com um problema, com um limite, mostrando que o sujeito está inserido em um ambiente bilíngue, bicultural.

Nesse mesmo momento, percebe-se a experiência sensorial do surdo na poesia ao realizar o sinal LÍNGUA-ADQUIRIR (Figura 2) e olhar-se num sentido de reconhecimento do “ser surdo” e o despertar para a luta.



Figura 2: <LÍNGUA-ADQUIRIR>.
Fonte: Pimenta (1999).

Outra característica encontrada, na poesia analisada, foi a presença da simetria quando na realização do sinal TER e, principalmente, na soletração manual da palavra natural, usando as duas mãos. Outra simetria forte presente no poema é o sinal SURDOS-MOVIMENTO (Figura 3), que só se separa à força, percebido na expressão facial e corporal do ator, o que representa a unidade da comunidade surda, além da beleza criada pela fusão do sinal ÁRVORES para o sinal Libras (Figura 3).



Figura 3: <SURDOS-MOVIMENTO; ÁRVORE-LIBRAS>.
Fonte: Pimenta, (1999).

Sendo esta uma característica comum das poesias em línguas de sinais, observa-se que a maioria dos sinais usados na produção da poesia são simétricos.

Outro recurso muito usado nas poesias em línguas de sinais, presente no poema, é o emprego de classificadores, expresso, principalmente, no verso ENGENHEIRO-MÁQUINA-ANDAR (Figura 4) por meio do uso do classificador de corpo.



Figura 4: <ENGENHEIRO-MÁQUINA-ANDAR>.
Fonte: Pimenta (1999).

A criação do sinal ESCAVADEIRA-FURAR-PESSOA (Figura 5) mostra a beleza da linguagem poética, que só é entendida pelo contexto, que traz logo em seguida o desfecho, a tomada de consciência surda e a apresentação da identidade surda com as duas mãos abertas, a palma para frente como um espelho delimitando um espaço físico-comunitário, em que prevalecem os movimentos, conquistas, interações sociais, liberdade de expressão e uso da língua de sinais.



Figura 5: <ESCAVADEIRA-FURAR-PESSOA>.
Fonte: Pimenta (1999).

O sinal AGUENTAR-PACIÊNCIA (Figura 6), constituindo uma extensão mórfica num sentido de continuidade, coloca o poeta como continuísta do próprio poema, assim como o surdo é continuísta de sua história. Outro sinal produtivo identificado é o sinal Libras, produzido a partir da fusão do sinal ÁRVORES (Figura 7), elevando as raízes até o cimo, mostrando a naturalidade e a beleza da língua de sinais.



Figura 6: <AGUENTAR-PACIÊNCIA>.
Fonte: Pimenta (1999).



Figura 7: <ÁRVORES>.
Fonte: Pimenta (1999).

Considerações finais

A retrospectiva mostra a evolução da literatura surda ao longo da história, que desde os tempos remotos sempre existiu, porém sem haver um registro, além de ter sido pouco valorizada. O que se observa é que os primeiros estudos acerca da literatura surda tiveram caráter didático-teórico, passando, posteriormente, ao enfoque da análise linguística, contribuindo para a compreensão da lingüística e da cultura da língua de sinais.

A poesia em língua de sinais apresenta a possibilidade de expressão do poeta surdo, a manifestação linguística e cultural surda por meio da criatividade e dos recursos linguísticos usados pelo apresentador, inovando a língua por meio da poesia. A riqueza da linguagem presente no poema, que nem sempre é possível na linguagem formal, afirma o *status* linguístico da Língua de Sinais e a identidade surda. O enredo traduz a trajetória do povo surdo na sociedade de forma agradável e bela, comparável à evolução da natureza, recuperável, se consciente e valorizada.

Os recursos linguísticos utilizados não só retratam a experiência visual do poeta como também de sua comunidade, o que afirma a identidade e a cultura surda em uma situação bilíngue dos surdos – expressa no poema por meio da soletração manual – em uma mistura de línguas que enriquece a poesia, como também nas múltiplas possibilidades de produção, tais como a simetria, o neologismo, o morfismo, a repetição e o uso de classificadores que são elementos linguísticos da língua de sinais e que contribuem para o entendimento da linguística cultural da língua de sinais.

Agradecimentos

Sou grato às seguintes pessoas que muito contribuíram ao enriquecimento deste trabalho: à professora Rachel Sutton-Spence, da Universidade de Bristol, que ministrou o curso “Literatura e Folclore em Línguas de Sinais” na Universidade Federal de Santa Catarina; à professora Ronice Muller de Quadros, por ter incluído esse curso à grade curricular do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC; a Nelson Pimenta, por permitir usar imagens de seu trabalho para análise e descrição; à poesia “Natureza”, usada nessa análise e que tive acesso pela LSB Vídeo, disponível em <<http://www.lsbvideo.com.br>>. Também agradeço aos amigos Gabriel Finamore e Alan Rodrigues, que colaboraram na adaptação e transcrição das imagens.

Referências

- ALVES, A. C.; KARNOPP, L. O surdo como contador de histórias. In: LODI, A. et al. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação: 2002.
- BASCOM, W. Four functions of folklore. **The study of folklore**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall. 1953, p. 279-298.
- BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca** – uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2011.
- CARMEL, S. J. Deaf folklore. In: J. H. Bruvard (Org.). **American folklore: an encyclopedia**. Nova Iorque, Londres: Garland Publishing, 1996.
- CRASBORN, O. On the use of the two hands in sign language poetry: a case study of the NGT poet Wim Emmerik. **Trabalho apresentado no encontro anual da Dutch Linguistics Association**, 4 de Fev., 2005.
- FERREIRA-BRITO, L. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- HESSEL, C., ROSA, F., KARNOPP, L. B. **Cinderela surda**. Canoas: ULBRA, 2003a.
- _____. **Rapunzel surda**. Canoas: ULBRA, 2003b.
- KARNOPP, L. B. **Literatura surda**. ETD - Educação Temática Digital, 7(2): 2006. <Disponível em <http://www.ssoar.info/ssoar>>. Acesso em 29 de maio de 2017.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U.. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1979.

MINDESS, A. **Reading between the signs** – intercultural communication for Sign Language interpreters. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 2000.

PIMENTA, N. C. **Literatura em LSB**: poesia, fábulas e histórias infantis. Rio de Janeiro: LSB Vídeo. 1999.

ROSA, F.; KARNOPP, L. **Adão e Eva**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005a.

_____. **Patinho surdo**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005b.

RUSSO, T. A crosslinguistic, cross-cultural analysis of metaphors in two Italian Sign Language (LIS) registers. **Sign Language Studies**, v.5, 2005, p. 333-359.

RUSSO, T.; GIURANNA, R.; PIZZUTO, E. Italian (LIS) poetry: Iconic properties and structural regularities. **Sign Language Studies**, v. 2, 2001, p. 84-112.

RUTHERFORD, S. **A study of American Deaf folklore**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1993.

SILVA, L. da. **Literatura surda**: o clássico adaptado. <Disponível em <http://blog.educacional.com.br/surdez/2010/03/24/literatura-surda-o-classico-adaptado/>>. Acesso em: 29 de Maio de 2017.

SILVEIRA, R. H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (Org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

STROBEL, K. L. **Vestígios culturais não registrados na história**. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SUTTON-SPENSE, R.; QUADROS R. M. de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

SUTTON-SPENCE, R. **Analyzing sign language poetry**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

_____. British Sign Language poetry: a linguistic analysis of the work of Dorothy Miles. In: DIVELY, V.; METZGER, M.; TAUB, S.; BAER, A. M. (Org.). **Signed languages: Discoveries from international research**, Washington DC: Gallaudet University Press, 2001a, p. 231-242.

_____. Phonological ‘deviance’ in British Sign Language poetry. **Sign Language Studies** v. 2, 2001b, p. 62-83.

VALLI, C. **Poetics of American Sign Language poetry**. Doctoral dissertation: Union Institute Graduate School, 1993.

Abstract

The present work aims to present a retrospective of the deaf literature addressing the main authors throughout the history, with theoretical and practical approaches as well as to analyze some elements and linguistic resources used by the deaf in the production of their literary works that contribute to the affirmation of the Deaf folklore assisting in the development of sign language reinforcing the cultural identity of the deaf. The present work was developed from the poetry "Nature", by the Brazilian deaf actor Nelson Pimenta (1999).

Keywords: *Deaf literature. Sign language. Culture and deaf identity*